

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ALINE DAMIANE BAGESTÃO

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM COMPARATIVO
ENTRE AS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2018

ALINE DAMIANE BAGESTÃO

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM COMPARATIVO
ENTRE AS PERSPECTIVAS DOS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Letras
Português-Inglês da UTFPR – Campus
Pato Branco.

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada
Orientadora: DR^a MARCELE GARBIN
DAGIOS

PATO BRANCO – PR
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Aline Damiane Bagestão**

Título: **O ensino de Língua Inglesa na Educação Básica: um comparativo entre as perspectivas dos alunos da escola pública e privada**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em 29/11/18, pela comissão julgadora:

Prof.^a Dra. Marcele Garbin Dagios – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Dra. Taísa Pinetti Passoni – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Lourdes Graebin Parise – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, por indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, invertindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

(FREIRE, 2010, p. 29)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, por sempre manter minha fé e esperança mesmo nos dias em que a vontade era desistir de tudo, encorajando-me a continuar em frente e enfrentar todas as dificuldades.

Ao meu filho que durante os quatro anos de estudo foi paciente e compreensivo mesmo sendo tão pequenino.

Aos meus familiares e amigos que estiveram sempre presentes me apoiando e me incentivando com palavras e gestos de carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus por me dar a oportunidade de realizar este trabalho, mas também por ter me concedido a oportunidade de conhecer muitas pessoas maravilhosas pelo caminho, pessoas estas que muitas vezes me inspiraram na realização deste trabalho.

Estendo também os meus agradecimentos à minha orientadora professora Marcele Garbin Dagios que me ajudou em todo esse processo, bem como todos os professores que contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

Agradeço aos meus pais e meu filho por estarem sempre ao meu lado, me orientando e apoiando quando necessário, além disso, muito obrigado as minhas amigas da universidade que estavam sempre presentes durante os quatro anos.

RESUMO

BAGESTÃO, Aline Damiane. **O ensino de língua inglesa na educação básica: um comparativo entre as perspectivas dos alunos da escola pública e privada.** Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português e Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Com a globalização e o fácil acesso as novas tecnologias, o ensino da língua inglesa tem se tornado grande aliado para que a comunicação aconteça de uma forma mais rápida e eficiente. Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo investigar quais são as perspectivas dos alunos do Ensino Fundamental do 8º e 9º ano em relação ao ensino de língua inglesa comparando as perspectivas dos alunos da escola pública e privada. Para isso, foram contrastadas duas escolas do município de Coronel Vivida/PR, uma escola estadual e uma escola particular. Neste trabalho utilizou-se como metodologia a perspectiva qualitativa-interpretativista, com foco no estudo de caso (LESSARD-HÉBERT et al, 2012; MARCONI; LAKATOS, 2003; e YIN, 2001) de modo à investigar, as percepções dos alunos acima mencionados. A análise dos dados aconteceu por meio das discussões sobre a perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2004), a visão de língua como discurso e prática social (JORDÃO, 2006), e as diferentes visões sobre a ideologia e o ensino de língua inglesa (CHAUI, 2008; CRYSTAL, 2003; DAGIOS, 2017; GIMENEZ et al, 2011; JORDÃO, 2006; PASSONI, 2018). A partir da análise, percebeu-se que as ideologias dos alunos não se diferem de uma forma relativamente muito grande, além disso, ao pensarmos no inglês e a globalização, pudemos observar que tanto na escola pública quanto na privada, é através dos meios de comunicação e da internet que estes alunos têm contato com o inglês fora da escola. Esta pesquisa também nos ajuda a refletir sobre a importância das aulas de inglês na educação básica.

Palavras Chave: Língua aplicada; ideologia; globalização.

ABSTRACT

BAGESTÃO, Aline Damiane. English language teaching on basic education: a comparison between public and private school students perspectives. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras Português e Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

Globalization and easy access to new technologies, the teaching of English has become a great ally so that communication happens faster and more efficiently. At that, the present study aims to investigate elementary school students' perspectives 8th and 9th grade about English language teaching comparing the perspectives of public and private school students. For this, we chose two schools in Coronel Vivida/ PR, a public school and a private school. In this work, the qualitative-interpretative perspective was used as a methodology, focusing on the case study (LESSARD-HÉBERT et al, 2012; MARCONI; LAKATOS, 2003; and YIN, 2001), which investigated the perceptions of the students mentioned above. The theoretical discussion focused on the relation of concepts such as the dialogical perspective of language (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN / VOLOSHINOV, 2004), language as a discourse and social practice (JORDÃO, 2006), and the different views on ideology and the English language teaching (CHAUI, 2008; CRYSTAL, 2003; DAGIOS, 2017; GIMENEZ et al, 2011; JORDÃO, 2006; PASSONI, 2018). From the analysis, it was noticed that the ideologies of the students do not change in a relatively great way, besides, when we think about English and the globalization, we could observe that in the public school as much in the private one, it is through means of communication and the Internet that these students have contact with English outside of school. This research also helps us reflect about the importance of English classes in basic education

Keywords: Applied linguistics; ideology; globalization.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Mapa dos países que tem a língua inglesa como oficial

Quadro 1 – Elementos da análise qualitativas relativas aos quatro pólos

Quadro 2 – Quais são as dificuldades que você encontra ao aprender a Língua Inglesa?

Quadro 3 – Qual o objetivo que você buscar ao aprender inglês?

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Grau de escolaridade da mãe – Escola 1

Gráfico 2 – Grau de escolaridade do pai – Escola 1

Gráfico 3 – Grau de escolaridade da mãe – Escola 2

Gráfico 4 – Grau de escolaridade do pai – Escola 2

Gráfico 5 – Contato com o inglês fora da escola – Escola 1

Gráfico 6 – Contato com o inglês fora da escola – Escola 2

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCE – Diretrizes Curriculares Estaduais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LE – Língua estrangeira

LI – Língua inglesa

MEC - Ministério da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

WE – World English

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	15
2.1 O PAPEL DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E OS DOCUMENTOS OFICIAIS	15
2.2 AS DIFERENTES VISÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM.....	18
2.3 CONCEITOS DE IDEOLOGIA	21
2.3.2 Ideologia e o ensino de língua inglesa	23
3.1 SOBRE A PESQUISA	28
3.2 COLETA DE DADOS: CONTEXTO E APLICAÇÃO.....	30
3.3 PESQUISA QUALITATIVA/INTERPRETATIVISTA E O ESTUDO DE CASO.....	32
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	35
4.1 PERFIS DOS ALUNOS E SEUS FAMILIARES.....	35
4.2 AS IDEOLOGIAS DA LÍNGUA INGLESA E A PESQUISA.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	50

1 INTRODUÇÃO

Atualmente as pessoas comunicam-se de diversas maneiras umas com as outras, não somente com as pessoas que estão próximas, mas também com quem está em todas as partes do mundo, de forma local ou virtual. Diante disso, a língua inglesa desempenha papel fundamental para que estas comunicações aconteçam, contatos que são necessários para além de questões econômicas, comerciais e do contexto da globalização, pois a linguagem permite que diferentes culturas, ideias, valores, entre outros, se espalhem e se inter-relacionem pelo mundo todo.

Levando em consideração a grande importância que o inglês tem atualmente, o presente trabalho tem como objetivo investigar as perspectivas dos alunos da educação básica em relação à língua inglesa, através de uma comparação entre alunos da escola pública e privada, dos 8º e 9º anos do município de Coronel Vivida/PR.

A escolha do tema tem dois principais motivos: primeiramente por ser de caráter pessoal, tendo em vista que todo processo de aprendizagem da pesquisadora aconteceu em escolas municipais e estaduais, e no momento que o ensino de inglês foi proporcionado de maneira mais aprofundada, em um cursinho, a visão sobre a língua inglesa foi percebida de uma maneira diferente. E em uma segunda justificativa, esta pesquisa visa futuramente, em uma especialização ou pós-graduação *stricto sensu*, mostrar caminhos aos professores de inglês de escolas públicas para proporcionar diferentes visões de mundo aos nossos alunos em relação à aprendizagem de língua inglesa.

Além desta introdução, o trabalho de conclusão de curso apresentará outros quatro capítulos: os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa, a metodologia da pesquisa adotada para o desenvolvimento do trabalho de campo, a análise dos dados gerados por meio da pesquisa de campo e, por fim, algumas considerações finais em relação à pesquisa e seus resultados.

No capítulo intitulado pressupostos teóricos, iniciaremos uma discussão de como a língua inglesa é descrita pelos documentos oficiais, e para isso utilizamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os documentos oficiais citados contribuem para entender qual foi o caminho percorrido pela língua inglesa ao longo dos anos e sua

inserção no currículo das escolas como uma disciplina obrigatória. Destacaremos também quais são os objetivos da língua inglesa no ensino brasileiro. Neste mesmo capítulo, abordaremos as principais visões de língua e linguagem, através da perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2004) e a visão de língua como discurso e prática social (JORDÃO, 2006). Também serão apresentados alguns conceitos sobre a ideologia e as ideologias do inglês (CHAUI, 2008; CRYSTAL, 2003; DAGIOS, 2017; GIMENEZ et al, 2011; JORDÃO, 2006; PASSONI, 2018) entre outros autores que também amparam a realização da presente pesquisa.

No terceiro capítulo descreveremos os aspectos metodológicos da pesquisa, incluindo os objetivos da pesquisa, o contexto, a metodologia e também os métodos e procedimentos utilizados para a elaboração da análise. Neste capítulo serão apresentadas também as perguntas norteadoras que embasaram a pesquisa.

O quarto capítulo foi destinado à análise dos dados gerados através dos questionários aplicados em duas escolas do município citadas anteriormente, e a análise busca subsídios e fundamentação no embasamento teórico utilizado no capítulo dois deste trabalho. E por fim, os resultados da pesquisa e as considerações finais, dispostas no capítulo cinco.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo tem como objetivo tratar dos conceitos fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Primeiramente iremos apontar como a língua inglesa é tratada na educação básica brasileira, e para isto, analisamos alguns dos documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em seguida, discutiremos os conceitos às quais o estudo se vincula língua e linguagem, trazendo a perspectiva dialógica da linguagem e a perspectiva do inglês como língua global. Em um terceiro momento, discutiremos alguns conceitos de ideologia e como ela acontece na educação e aprendizagem de uma língua estrangeira (LE).

2.1 O PAPEL DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E OS DOCUMENTOS OFICIAIS

O Brasil é um país que possui muitas etnias diferentes, portanto pode ser considerado multilíngue. Devido a essa grande variedade etnológica -muito embora haja uma presença significativa, por exemplo, de alemães, italianos e espanhóis (principalmente na região sul do país) - grande parte da população é monolíngue, exceto as comunidades que ficam próximas as fronteiras, ou cidades grandes em que a circulação de estrangeiros é maior.

Diante disso, é possível dizer que a língua estrangeira está inserida na vida das pessoas de uma forma indireta, ou seja, ouvimos e vemos palavras estrangeiras em diferentes contextos, porém muitas vezes ela não está efetivamente sendo utilizada como uma língua em uso, fator esse que pode ser influenciador em relação ao interesse das pessoas para aprender uma língua estrangeira. Portanto, a escola representa um dos espaços sociais capazes de possibilitar horizontes para o aprendizado de qualidade da língua inglesa aos seus alunos.

De acordo com diversos documentos oficiais, a educação precisa ocorrer de forma igualitária para todos os sujeitos, independentemente das suas condições sociais e econômicas, como pode-se observar no excerto a seguir:

Um projeto educativo, (...) precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e às possíveis necessidades especiais para aprendizagem. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe à escola ensinar, para todos. (PARANÁ, 2008, p. 15)

Em outras palavras, os conhecimentos a serem construídos no espaço escolar devem ser acessíveis a todos os cidadãos da mesma maneira, e o objetivo a ser atingido pela escola de educação básica abrange todos os aspectos culturais e étnicos, sem restrições. Além disso, é importante que o professor demonstre as diferentes possibilidades de comunicação nas quais os alunos estão inseridos, bem como a diversidade cultural e linguística ao ensinar a língua estrangeira. Desse modo, o professor é um mediador para o desenvolvimento de maneira integral as habilidades comunicativas em sala de aula.

O papel educacional da Língua Estrangeira é importante, desse modo, para o desenvolvimento integral do indivíduo, devendo seu ensino proporcionar ao aluno essa nova experiência de vida. Experiência que deveria significar uma abertura para o mundo, tanto o mundo próximo, fora de si mesmo, quanto o mundo distante, em outras culturas. Assim, contribui-se para a construção, e para o cultivo pelo aluno, de uma competência não só no uso de línguas estrangeiras, mas também na compreensão de outras culturas. (BRASIL, 1998, p. 38)

O ensino de línguas estrangeiras no Brasil não é recente e vem sendo estudado há muito tempo e, como observamos nas DCE, passou por grandes mudanças desde o seu início, em 1809, com o “decreto de 22 de junho para criar as cadeiras de Inglês e Francês.” (PARANÁ, 2008, p.38). Nesse período, a língua estrangeira passou a ser mais valorizada. Mas somente em 1930, com o Governo Getúlio Vargas, que o Ministério de Educação e Saúde e as Secretarias de Educação nos Estados foram criados com o intuito de reformular o ensino do nosso país.

Muito embora se tenha pensado na Educação no nosso país, foi somente com a Reforma Francisco Campos que, de fato, criou-se um método estudado para o ensino da língua estrangeira, conhecido como método direto. O método direto buscava exclusivamente o ensino de língua inglesa (LI) na sala de aula sem o uso da tradução, e tinha como objetivo ensinar a gramática de forma indutiva, por meio de perguntas e respostas para que os alunos fixassem as estruturas expostas, além de o vocabulário ser incluído por intermédio de desenhos, mímicas, entre outros.

Na década de 50, com a necessidade de um ensino técnico que preparasse os alunos para o mundo do trabalho, houve uma acentuada diminuição da carga horária do ensino de línguas, como podemos perceber nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n. 4.024, promulgada em 1961, criou os Conselhos Estaduais de Educação. Cabia-lhes decidir acerca da inclusão ou não da Língua Estrangeira nos currículos. Essa mesma lei determinou a retirada da obrigatoriedade do ensino de Língua Estrangeira no colegial e instituiu o ensino profissionalizante, compulsório, em substituição aos cursos Clássico e Científico. Ainda assim, identificou-se a valorização da Língua Inglesa devido às demandas de mercado de trabalho que, então, se expandiam no período. (PARANÁ, 2008, p. 43)

Porém, foi somente em 1976, como apontam as DCE, que o ensino voltou a ser valorizado “quando a disciplina se tornou novamente obrigatória somente no segundo grau. Entretanto, não perdeu o caráter de recomendação para o primeiro grau, desde que a escola tivesse condições de oferecê-la.” (PARANÁ, 2008, p.45). Por fim, foi depois que a LDB 9394/96, juntamente com a determinação do Ministério da Educação (MEC) de 1998, se oficializou a obrigatoriedade da língua estrangeira “cuja ênfase está no ensino da comunicação oral e escrita, para atender as demandas relativas à formação pessoal, acadêmica e profissional.” (PARANÁ, 2008, p.48).

De acordo com a legislação brasileira, o ensino de língua inglesa deve acontecer a partir do sexto ano do ensino fundamental obrigatoriamente, como consta na LDB 9394/96 art. 26. § 5º “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa.” Além disso, a partir do ano de 2016, o ensino de língua inglesa passa a ser língua estrangeira obrigatória para o ensino médio, ficando outras línguas como enriquecimento curricular, caso a escola queira ofertar, como consta na LDB 9394/96 art. 35-A. §4º que:

Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2017, p. 25)

Ao pensarmos nos objetivos do ensino da língua inglesa para o ensino fundamental (BRASIL, 2018), o aluno precisa comunicar-se através do uso da

linguagem em diferentes meios, identificar os aspectos culturais e sociais da língua, utilizar-se de novas tecnologias, entre outros, podemos perceber que as formas comunicativas e recursos linguísticos são de extrema importância para que o aluno consiga comunicar-se em uma língua estrangeira. Além disso, segundo as DCE:

O aprendizado de uma língua estrangeira pode proporcionar uma consciência sobre o que seja a potencialidade desse conhecimento na interação humana. Ao ser exposto às diversas manifestações de uma língua estrangeira e às suas implicações político-ideológicas, o aluno constrói recursos para compará-la à língua materna, de maneira a alargar horizontes e expandir sua capacidade interpretativa e cognitiva. Ressalta-se, como requisito, a atenção para o modo como as possibilidades linguísticas definem os significados construídos nas interações sociais. (PARANÁ, 2008, p. 57)

Enfim, na escola este conteúdo é didatizado pelo professor para fazer com que os alunos se aproximem da língua alvo, o que pode ser considerada a tarefa mais difícil, e deve: "(...) contribuir para formar alunos críticos e transformadores através do estudo de textos que permitam explorar as práticas da leitura, da escrita e da oralidade, além de incentivar a pesquisa e a reflexão." (PARANÁ, 2008, p. 56).

2.2 AS DIFERENTES VISÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM

Hoje em dia, o inglês tem sido muito utilizado por diversos motivos, alguns deles, econômicos, sociais, políticos, etc. Desta forma, cabe aos professores de inglês mostrar aos seus alunos a importância do uso da língua inglesa, bem como a importância do seu aprendizado. Para tal tarefa, é necessário pensarmos em quais visões de língua e linguagem subjazem o ensino de língua inglesa na escola pública, especialmente no que se refere às perspectivas apresentadas nos documentos que regem a educação básica brasileira e no estado do Paraná, contexto da presente pesquisa.

Apresentamos as temáticas e os autores que embasam a pesquisa, como, à perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2004), a visão de língua como discurso e prática social (JORDÃO, 2006) e o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa como língua global ou internacional (CRYSTAL, 2003; GIMENEZ et al, 2011; JENKINS, 2006).

O sujeito é entendido como ser social, e a principal característica que o faz receber esse título é a linguagem, pois é através da linguagem que o indivíduo é capaz de se comunicar com o mundo, por meio da escrita ou da oralidade. É a linguagem que satisfaz as necessidades que as pessoas têm de comunicar-se, interagir, sobreviver e, de acordo com as DCE:

Toda língua é uma construção histórica e cultural em constante transformação. Como princípio social e dinâmico, a língua não se limita a uma visão sistêmica e estrutural do código linguístico. Ela é heterogênea ideológica e opaca. (PARANÁ, 2008, p. 53)

Segundo Bakhtin (2003) o uso da língua acontece por meio da relação entre os sujeitos, a sua história e as relações sociais em que estão inseridos os indivíduos:

A época, o meio social, o micromundo—o da família, dos amigos e conhecidos, dos colegas — que vê o homem crescer e viver, sempre possui seus enunciados que servem de norma, dão o tom; são obras científicas, literárias, ideológicas, nas quais as pessoas se apoiam e às quais se referem, que são citadas, imitadas, servem de inspiração. Toda época, em cada uma das esferas da vida e da realidade, tem tradições acatadas que se expressam e se preservam sob o invólucro das palavras, das obras, dos enunciados, das locuções, etc. Há sempre certo número de ideias diretrizes que emanam dos “luminares” da época, certo número de objetivos que se perseguem, certo número de palavras de ordem, etc. Sem falar do modelo das antologias escolares que servem de base para o estudo da língua materna e que, decerto, são sempre expressivas. (BAKHTIN, 2003, p.313)

Além disso, na teoria dialógica de Bakhtin, a linguagem explica-se diante de alguns pressupostos, como o conceito de enunciado. O enunciado é visto por Bakhtin (2003, p. 293) como “a unidade real da comunicação verbal”, além disso, o enunciado é sempre uma retomada do que foi dito ou ainda do que ainda está por vir, como podemos observar que na relação “dialógica que remete aos enunciados anteriores do outro, as marcas atenuadas da alternância dos sujeitos falantes que sulcaram o enunciado por dentro.” (BAKHTIN, 2003, p. 326)

Portanto, todo enunciado é dialógico e “A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa” (BAKHTIN, 2003, p. 291). Quando aprendemos a falar na verdade estamos aprendendo a estruturar enunciados (BAKHTIN, 2003), enunciados estes que como citado anteriormente, podem já ter sido utilizado anteriormente. Por fim

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal. Representa a instância ativa do locutor numa ou noutra esfera do objeto do sentido. Por isso, o enunciado se caracteriza acima de tudo pelo conteúdo preciso do objeto do sentido. (BAKHTIN, 2003, p. 308)

Neste sentido, Jordão afirma que ao ensinar língua estrangeira dentro de uma perspectiva de língua como discurso, é necessário que se aprenda também outras culturas, e percepções do mundo que vão além da sala de aula:

[...] dentro da perspectiva de língua como discurso, ensinar línguas estrangeiras é ensinar procedimentos interpretativos determinados por culturas outras que não a cultura da língua materna; aprender uma língua estrangeira é, por sua vez, aprender procedimentos interpretativos de construção de sentidos, de percepções de mundo diferenciadas, independentemente do grau de proficiência atingido. Assim, o espaço da sala de aula é percebido como local de formação de subjetividades. (JORDÃO, 2006, p. 31).

Segundo Jordão (2006) entender língua como discurso é entender que língua e cultura são indissociáveis, e mesmo que quiséssemos separá-las seria impossível, além disso, “Na visão de língua como discurso, o mundo não está externo ao sujeito e também não existe independente dele.” (DAGIOS, 2017, p. 31). Língua como discurso é diferente do entendimento de língua como código, a “visão de língua como código, que percebe a língua como um sistema abstrato e que o inglês na escola tem como objetivo o ensino da estrutura linguística” (DAGIOS, 2017, p. 127)

Jordão (2011), também nos relata que uma das práticas mais valorizadas na atualidade é o de se aprender inglês:

Dentre as práticas sociais valorizadas em nossa sociedade está conhecer a língua inglesa. Mais do que simplesmente reproduzir estruturas desta língua para a comunicação imediata de necessidades básicas (...), saber inglês hoje pode significar incluir-se num processo privilegiado de engajamento com objetivos formativos amplos, como a interpolação de processos de representação e transformação das representações deles resultantes. (JORDÃO, 2011, p. 225)

Diante disso é possível afirmar que, como professores de inglês na atualidade, podemos apontar para os nossos alunos o caminho a ser percorrido,

deixando clara a importância da língua inglesa, independentemente do contexto social em que estes alunos estão inseridos.

2.3 CONCEITOS DE IDEOLOGIA

Quando falamos em ideologia, estamos em frente a uma palavra com um significado muito amplo e que pode ser utilizada para diversos campos. Desta forma, se faz necessário discorrer sobre qual é o significado dessa palavra e também qual é o papel da ideologia dentro do ensino de língua inglesa.

No dicionário Michaelis¹, a palavra ideologia é abordada de seis maneiras diferentes, entre elas, ideologia no viés filosófico é tida como “Ciência que trata da formação das ideias” e também como “Maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas, um governo, um partido etc.”, ou seja, em ambas as significações a ideologia é vista como algo que vem do nosso pensamento, de forma que pode ser tanto individual ou coletiva.

Segundo Chauí (2008), a palavra ideologia apareceu pela primeira vez no livro *Elementos da ideologia* de Destutt De Tracy em 1801, que tinha como princípio elaborar uma teoria capaz de explicar as nossas ideias através das sensações, além de “(...)“formar um bom espírito”, isto é, um espírito capaz de observar, decompor e recompor os fatos, sem se perder em vazias especulações.”(CHAUI, 2008, p. 10)

Mais tarde, o termo foi utilizado por Augusto Comte, desta vez vinculada a duas visões diferentes. A primeira, parecida com o que De Tracy propunha, partia do pressuposto das ideias e a relação com as sensações, e a segunda visão vinha do pressuposto de que a ideologia era o conjunto de ideias de uma determinada época. Dessa forma, a ideologia passa a ser vista como uma teoria, teoria que tem um papel essencial na prática dos homens. (CHAUI, 2008)

Veremos então que a ideologia é muito mais do que um conceito ou pré-conceito, é um conjunto de ações que são definidas pelos meios sociais, como veremos:

(...) a ideologia não é sinônimo de subjetividade oposta à objetividade, que não é pré-conceito nem pré-noção, mas que é um “fato” social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito

¹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>> .Acesso em: 27 out. 2018

determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de ideias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das ideias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais. (CHAUI, 2008, p. 13)

Há, portanto, uma grande variedade de possibilidades para interpretarmos o termo ideologia, ou mesmo, para tentar defini-la. Desta forma, percebemos a necessidade de estudarmos os discursos com um viés ideológico, vindo a retomar os contextos sociais em que esses discursos são produzidos e utilizados.

O signo também é elemento importante para entender ideologia, pois,

O signo é um objeto material, um fenômeno da realidade objetiva que representa uma função ideológica. Ele representa a ideologia viva, estabelece uma relação dialógica com o mundo social e expressa a visão de mundo do sujeito que o utiliza. Expressa toda a complexidade das relações sociais e traz consigo ressonâncias de discursos e experiências sociais, ao longo da história. (DAGIOS, 2017, p. 23-24)

Bakhtin nos mostra como a ideologia está ligada ao signo que faz parte de “uma realidade (natural ou social)” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004, p. 20), trazendo uma significação que não está em si, mas fora do seu contexto, e, além disso, nos exemplifica que

Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (BAKHTIN, VOLOSHINOV, 2004, p. 21)

Os signos, portanto são materializados através da interação entre os indivíduos, todo ser possui sua consciência individual, carregada de diversos signos, porém somente quando em contato com conteúdos ideológicos é que esta consciência passa ser realmente consciência. Desta forma, como já mencionado anteriormente, é através do meio social que este indivíduo vai criar as suas ideologias. Quando retiramos todo conteúdo ideológico e semiótico da nossa consciência é como se não existisse nada em nós, ficaríamos sem sentido nos signos. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004)

É relevante conhecer, no contexto desta pesquisa, as vertentes da ideologia, pois investigaremos as ideologias presentes às percepções dos alunos em relação à

LI em dois contextos/espços sociais diferentes. Precisamos entender como que, através destas relações sociais, estes alunos criaram a sua consciência ideológica, mais propriamente o discurso sobre o inglês na atualidade, em um meio globalizado. Pois, segundo Passoni (2018, p. 65) muitos estudiosos passaram a estudar a ideologia “como um construto e um meio para compreender os fenômenos relacionados à linguagem as relações de poder neles inseridos”.

2.3.2 Ideologia e o ensino de língua inglesa

Ao pensarmos no ensino de língua inglesa nas escolas na atualidade, a ideologia pode estar intimamente ligada no processo de ensino aprendizagem dos alunos, bem como no seu interesse pela língua. Estas ideologias sobre a língua inglesa podem partir dos alunos, dos professores e da comunidade escolar, ou até mesmo de fora da escola, como por exemplo, da sociedade em geral ou por parte dos governantes, que muitas vezes não desenvolvem políticas públicas para investimento e disponibilizam as verbas adequadas para se possa ter ensino de qualidade na rede pública como podemos perceber na fala de Leffa:

Com as leis que restringem o acesso à língua estrangeira na escola pública, não dando as condições mínimas para sua aprendizagem, seja pela carga horária escassa, pela falta de materiais para o aluno, pela descontinuidade de currículo, deixa-se de dar ao aluno nem mesmo o conhecimento de uma única LE. Isso é responsabilidade do governo. (LEFFA, 2011, p. 20)

Da mesma forma acontece quando um aluno opta por se aprofundar mais ou menos em determinada língua. São as suas interações sociais que fazem com que este aluno desperte interesse ou estabeleça objetivos a serem alcançados com o aprendizado da língua em que está buscando aprimoramento.

No estudo de Passoni (2018), a autora nos coloca a frente de seis visões diferentes em relação à visão ideológica do inglês, mas para a nossa pesquisa utilizaremos apenas quatro: inglês como língua padrão, inglês como instrumentalista, língua global, e do falante nativo. Alguns destes termos serão retomados durante a análise dos dados coletados.

A visão do **inglês como língua padrão** pode influenciar durante a aprendizagem da língua estrangeira, pois segundo esta ideologia, há apenas uma

forma de se falar/escrever em inglês e quando você não possui tal domínio, corremos o risco de ser vistos como pessoas que não possuem domínio sob tal língua, ou ainda podemos perceber que a forma como utilizamos a língua é o que nos caracteriza dentro das ações sociais:

Ser membro de uma classe socioeconômica, um trabalhador de fábrica ou vendedor de loja, médico ou paciente no hospital, professor ou aluno de literatura, membro de um clube esportivo ou de uma gangue de rua, convidado de uma festa ou jantar, são maneiras de estar no mundo, são situações sociais em que seus participantes são identificados e reconhecidos pela maneira como usam a língua e por diversos outros padrões de comportamento associados a este uso da língua. (NORTE et al, 2013, p. 87)

Muitas vezes somos postos diante de um padrão que exclui seus utilizadores, além disso, “(...)a ideologia da língua padrão privilegia uma percepção abstrata, idealizada e homogênea dos idiomas, de modo a tomar o modelo escrito como forma a ser seguida pelas línguas faladas” (PASSONI, 2018, p. 68)

Outra visão é **a ideologia instrumentalista do inglês**, segundo esta ideologia a língua inglesa esta atrelada a valores econômicos, à modernização, fazendo com que os indivíduos alcancem um status de prestígio. (PAN, 2015) Além disso, “Ao propor o uso do inglês com propósitos pragmáticos, a ideologia instrumentalista tende a expressar aspectos benéficos e neutros da expansão do idioma” (PASSONI, 2018, p. 72), e o inglês fica aqui como um meio para alcançar alguns objetivos, como poderemos analisar no capítulo de análise.

Neste sentido, Oliveira e Paiva (2011, p. 41) nos explica que na atual condição globalizada, “(...) aprendizes de inglês, em contextos como o brasileiro, almejam falar essa língua para poder ascender socialmente, para se inserir no mercado de trabalho, para viajar e para usufruir da cultura globalizada”, ou seja, atualmente o ensino de língua inglesa está sendo mais procurado por razões econômicas do que pelo simples fato de aprender uma língua por gosto ou outro aspecto que não tenha relação com o fator econômico.

Na visão do inglês **como língua global**, Crystal (2003, p. 2, tradução nossa), nos traz referências do nosso cotidiano, mostrando-nos que se pararmos para analisar, a língua inglesa está presente em praticamente todos os contextos sociais. O autor afirma que: “Onde quer que você viaje você vê placas e anúncios em inglês.

Sempre que você entra em um hotel ou restaurante em uma cidade estrangeira, eles entenderão inglês e terão um menu em inglês.”²

Para uma língua ser considerada global, é importante que ela seja utilizada ao redor do mundo, seja ela considerada como língua oficial, ou ainda que ela esteja desempenhando um papel importante na sociedade, nos meios de comunicação ou em sistemas governamentais, na educação, entre outros, como enfatiza Crystal (2003, p. 4, tradução nossa)

Para alcançar tal status, um idioma deve ser adotado por outros países ao redor do mundo. Eles devem decidir dar a ela um lugar especial dentro de suas comunidades, mesmo que tenham poucos (ou nenhum) falantes da língua materna”³

Atualmente sabemos que muitos países consideram a língua inglesa como língua oficial ou como segunda língua como pode observar no mapa a seguir:



Figura 1 – Mapa dos países que tem a língua inglesa como oficial

No trecho a seguir, Crystal nos mostra a importância que uma língua global tem no cotidiano das pessoas, tanto através da comunicação via Internet para tratar de assuntos pessoais, como com pessoas que estão do outro lado do mundo para tratar de negócios ou ainda assuntos políticos:

² “Wherever you travel, you see English signs and advertisements. Whenever you enter a hotel or restaurant in a foreign city, they will understand English, and there will be an English menu.” (CRYSTAL, 2003, p. 2)

³ “To achieve such a status, a language has to be taken up by other countries around the world. They must decide to give it a special place within their communities, even though they may have few (or no) mother-tongue speakers” (CRYSTAL, 2003, p. 4)

A necessidade de uma linguagem global é particularmente apreciada pelas comunidades acadêmicas e empresariais internacionais, e é aqui que a adoção de uma única língua franca é mais evidente, tanto em salas de aula e salas de reuniões, como em milhares de pessoas. Contatos individuais sendo feitos diariamente em todo o mundo. Uma conversa na Internet entre físicos acadêmicos na Suécia, Itália e Índia são atualmente praticáveis somente se uma linguagem comum estiver disponível. Uma situação em que um diretor de uma empresa japonesa consegue se encontrar com os contatos da Alemanha e da Arábia Saudita em um hotel de Cingapura para planejar um acordo multinacional não seria impossível, se cada um se conectasse a um sistema de suporte à tradução de três vias, mas seria muito mais complicado do que a alternativa, que é para cada um fazer uso da mesma língua (CRYSTAL, 2003, p. 13, tradução nossa)⁴

Neste trecho é possível observar que, se os falantes de diferentes lugares comunicarem-se usando uma mesma língua, mais fácil torna-se a comunicação e menos complicado será o processo dialógico entre os sujeitos.

Além disso, Rajagopalan (2011, p. 49) afirma que quando falamos do inglês como língua global, estamos nos referindo ao inglês dos falantes não nativos, “isso porque o WE (World English) é utilizado notavelmente em contextos de bilinguismo e, em muitos casos, multilinguismo *societais*”.

Neste mesmo contexto, é possível afirmar que o inglês não é natural, ou seja, não é da natureza biológica do homem, ele é cultural, levando em consideração a geopolítica do mundo pós-colonial, além de ir contra qualquer tipo de barreira, seja ela social, cultural ou nacional. Segundo Rajagopalan (2011, p. 52), nós temos a necessidade de se “comunicar em primeiro plano” para somente depois “contemplar a língua (...) como uma consequência”.

Em último momento trabalharemos com **a ideologia do falante nativo** esta ideologia faz com que aconteçam as reflexões do que é ou não certo, verdadeiro ou falso, fazendo com que haja certo tipo de preconceito, porém sabemos que essa ideologia “é algo sempre de caráter relativo e não absoluto, que não pode ser definido sem que consideremos as condições de produção em que se dão as interações humanas” (ROCHA; SILVA, 2011, p. 259)

⁴ The need for a global language is particularly appreciated by the international academic and business communities, and it is here that the adoption of a single lingua franca is most in evidence, both in lecture-rooms and board-rooms, as well as in thousands of individual contacts being made daily all over the globe. A conversation over the Internet between academic physicists in Sweden, Italy, and India is at present practicable only if a common language is available. A situation where a Japanese company director arranges to meet German and Saudi Arabian contacts in a Singapore hotel to plan a multi-national deal would not be impossible, if each plugged in to a 3-way translation support system, but it would be far more complicated than the alternative, which is for each to make use of the same language. (CRYSTAL, 2003, p. 13)

⁵ Neologismo em língua portuguesa que ressalta o fato do bi(multi)linguismo ser uma prática constante em nível social.

Além disso, muitas vezes o falante nativo, é tido como o detentor da maior proficiência e também o professor mais procurado para trabalhar com o ensino da língua inglesa, nesses casos podemos observar uma falta de preparação para estes professores 'nativos' já que

(...)estes espaços de trabalho que buscam 'falantes-nativos' não oferecem nenhum tipo de formação e aquilo a que se referem como 'treinamento' costumam ser cursos instrumentalizantes para o domínio de técnicas gerais de ensino de LE. O pressuposto principal dos empregadores para estes locais de trabalho é de que basta conhecer para ensinar: se alguém nasceu num país (de prestígio, claro) onde o inglês é falado, deve ser capaz de ensinar o que sabe sem dificuldades (...) (JORDÃO, 2011, p. 221)

Aliado a todos estes aspectos não podemos deixar de mencionar a importância que a globalização tem no cenário atual, segundo Kumaradivelu (2006) a fase da atual globalização tem afetado a vida das pessoas de três diferentes maneiras: "a distancia espacial está diminuindo", ou seja, a vida das pessoas está sendo afetada por coisas que estão acontecendo do outro lado do mundo, seja o seus empregos, os salários, etc; "a distancia temporal está diminuindo", novas tecnologia são apresentadas diariamente, além disso, estas mesmas tecnologias desaparecem de uma maneira muito rápida e por fim, "as fronteiras estão desaparecendo", não somente o comercio, o capital e as informações estão se disseminando, mas também as ideias, valores e culturas estão atingindo públicos de diferentes partes do mundo.

Todos esses entendimentos se fazem necessário para que possamos entender um pouco como funcionam algumas destas ideologias dentro das respostas dadas pelos alunos do ensino Fundamental das escolas nos auxiliando para compreender a importância do ensino da língua inglesa bem como as ideologias presentes no momento da aprendizagem da língua.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo trataremos dos aspectos metodológicos da presente pesquisa. Em um primeiro momento, explicaremos quais são os objetivos da pesquisa, bem como ela se caracteriza; na sequência, abordaremos o contexto e características em que os participantes estão inseridos e, por fim, os procedimentos utilizados para a geração dos dados.

3.1 SOBRE A PESQUISA

A pesquisa tem como objetivo geral investigar quais são as perspectivas e pontos de vista dos alunos do Ensino Fundamental sobre o ensino de LI e sua relevância no mundo globalizado, comparando as perspectivas de alunos da rede pública e privada.

A presente pesquisa busca entender qual é a visão dos alunos em relação ao ensino/aprendizado de LI. Além disso, sabemos que nos dias atuais, com a globalização e as comunicações imediatas, cada vez mais as pessoas estão se comunicando com pessoas de todos os países do mundo, e neste aspecto é de extrema importância estudar qual é o papel da LI nas escolas públicas e privadas e de que forma ela proporciona a inclusão ou exclusão dos sujeitos no contexto da globalização.

Sobre a inclusão, encontramos nas DCE (PARANÁ, 2008, p. 56) que

(...) o ensino de Língua Estrangeira deve considerar as relações que podem ser estabelecidas entre a língua estudada e a inclusão social, objetivando o desenvolvimento da consciência do papel das línguas na sociedade e o reconhecimento da diversidade cultural.

Será que isto está realmente acontecendo? Será que os alunos da educação básica realmente têm consciência da importância do ensino de línguas para a nossa sociedade?

Analisando as DCE (PARANÁ, 2008, p. 57), ainda é possível encontrar outro objetivo ao ensinarmos LI, que é possibilitar que estes alunos sintam-se como “integrantes da sociedade e participantes ativos do mundo”. Mas será

que, independentemente do ambiente em que estes alunos estão inseridos socialmente, eles sentem-se realmente como participantes ativos no mundo?

Diante disto, nossas principais indagações são:

- Quais objetivos estes alunos buscam com as aulas de inglês? e para quais fins estes alunos escolheriam se aperfeiçoar em uma segunda língua?
- As perspectivas dos alunos de escolas públicas e privadas são as mesmas? Tanto os alunos de escola pública quanto de escola particular têm o mesmo conceito sobre aprender uma segunda língua?

Primeiramente fizemos um levantamento bibliográfico com as principais teorias necessárias para que tal pesquisa se realizasse, em seguida aplicamos questionário e partimos para análise dos dados coletados. O questionário é um dos instrumentos de coleta de dados constituído por perguntas que devem ser respondidas e não necessita, por exemplo, de um entrevistador para receber estes dados (MARCONI; LAKATOS, 2003). O questionário era constituído por perguntas abertas que podem também serem chamadas de “livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 204), por perguntas fechadas que “são aquelas que o informante escolhe sua resposta entre duas opções: sim e não.” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 204), e também por perguntas de múltipla escolha que também é um tipo de pergunta fechada, porém tem mais opções de respostas além de sim ou não.

A pesquisa tem caráter qualitativo que segundo Gil

(...) depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. (GIL, 2008, p. 133)

Os dados coletados nos questionários foram arquivados e transcritos para que assim, pudéssemos fazer a análise das respostas dadas pelos alunos (ver capítulo 4). Além de uma análise qualitativa, a pesquisa será também interpretativista, analisando quais são as perspectivas destes alunos em relação à língua inglesa, bem como quais são as ideologias dos alunos das escolas públicas e

privadas, comparando suas perspectivas e analisando se os contextos sociais que estes alunos estão inseridos contribuíram ou não para que tal resposta fosse dada.

Além disso, também traremos perguntas para verificar qual é a frequência com que estes alunos têm contato com os aspectos culturais da língua inglesa, fazendo um comparativo entre as esferas sociais da escola pública e privada. Segundo SÁ (apud MIGUEL, 2010)

A perspectiva interpretativa é fruto da crítica recente à naturalização dos fenômenos sociais, e destaca o entendimento de que conceitos e teorias são fenômenos culturais, socialmente construídos e legitimados. Entende-se o conhecimento não como algo a ser possuído, mas como algo que se constrói coletivamente (SÁ, 2001, p. 40 apud MIGUEL, 2010, p.1-2)

A seguir explanaremos os contextos em que estes alunos estão inseridos e também como aconteceu à seleção das turmas e/ou alunos participantes da pesquisa.

3.2 COLETA DE DADOS: CONTEXTO E APLICAÇÃO

A nossa pesquisa busca comparar as perspectivas dos alunos do Ensino Fundamental do 8º e 9º ano, da cidade de Coronel Vivida, no estado do Paraná, em relação ao ensino da língua inglesa. Nosso principal objetivo de pesquisa é saber qual é a visão que os alunos das escolas a serem pesquisadas têm em relação ao ensino de LI, analisando se os espaços sociais que eles estão inseridos modificam ou não suas perspectivas em relação à língua e a sua utilização nos dias atuais.

Para investigar tal situação, foram escolhidas duas escolas que oferecem o ensino fundamental, uma escola estadual e outra escola particular. Ambas as escolas situadas em Coronel Vivida, no estado do Paraná. A escolha das escolas aconteceu primeiramente por fácil acesso para a pesquisadora e também pela localização das escolas.

A escola particular é situada na região central da cidade, a escolha da escola aconteceu devido ao fácil acesso e comunicação com a direção dessa escola. A mesma funciona desde 1997, sendo que em 2004 a atual direção assumiu a coordenação dela e permanece até o momento. A escola oferece a educação infantil e o ensino fundamental até o 9º ano. É uma escola ampla e bem estruturada, a escola possui as seguintes dependências: quadra esportiva e de múltiplo uso, sala

de reuniões, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca, parquinho infantil, brinquedoteca, uma ampla área livre e também área coberta para embarque e desembarque de alunos, além da cantina e dependências administrativas. A partir de agora trataremos como ESCOLA 1, não mencionaremos o nome para garantir o sigilo das escolas participantes.

A escola estadual está localizada na área urbana da cidade, e conta com a participação de alunos da periferia e do campo, aos alunos do campo são oferecidos ônibus pela prefeitura municipal. Diante disso, o contexto social dos alunos que compõem a escola é bem diversificado, segundo a coordenação da escola, são poucos ou quase nenhum aluno da área central da cidade. Um dos motivos para a escolha da escola foi essa diversidade de contextos dos alunos, pois há outra escola estadual localizada no centro da cidade, porém optamos por esta, que está localizada em um bairro um pouco distante do centro. Atualmente o colégio estadual está situado em um terreno municipal, portanto neste mesmo ambiente é ofertada as aulas do município. A escola estadual oferece aulas para o ensino fundamental II durante o período da manhã e tarde, e para o ensino médio somente no período da noite.

A escola é grande, mas como já mencionado anteriormente as dependências são divididas com a escola municipal. As salas não são grandes, comparado ao número de alunos que compõem cada sala, possui quadra esportiva, biblioteca, sala de professores, sala da direção, sala da coordenação pedagógica, pode-se observar que as dependências de coordenação são pequenas também. No contexto da pesquisa, a escola passa a ser chamada de ESCOLA 2. A faixa etária dos alunos é entre 12 e 14 anos, composto por meninos e meninas. Tanto os alunos da Escola 1 quanto da Escola 2 têm duas aulas de inglês semanalmente.

Primeiramente entramos em contato com a direção e equipe pedagógica das escolas, em ambas as escolas fomos bem recebidos e obtivemos uma autorização para que pudéssemos conversar com os alunos sobre a pesquisa que seria realizada com estas turmas. Após a explicação sobre a pesquisa, entregamos aos alunos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1), os alunos interessados deveriam levar para casa e trazer o documento assinado por um responsável, autorizando estes educandos a participarem da pesquisa. Foram entregues aproximadamente 68 termos, porém obtivemos apenas 21 devoluções, ou seja, nossa pesquisa tem a participação de 21 alunos.

Na Escola 1, tivemos apenas dois acessos com os alunos, o primeiro contato mencionado acima e o segundo contato para a aplicação dos questionários (ANEXO 2). Como as turmas não são tão grandes e o acesso foi reduzido, tivemos um total de 5 participantes para a pesquisa. Em um dia combinado com a escola, voltei nas salas de aula e retirei os alunos que haviam trazido o termo para irem para outra sala. Na sala de aula os alunos receberam o questionário para responderem e, após responderem, estes alunos voltavam para a sala de aula.

Na Escola 2, o contato com os alunos foi um pouco maior, primeiramente como foi explicado, entregamos o termo aos alunos, na data marcada voltamos na escola, mas como poucos alunos haviam trazido o termo assinado, a equipe pedagógica conversou também com os alunos e marcamos outra data para a aplicação do questionário. No dia marcado, os alunos que trouxeram o termo vieram até o saguão da escola onde eles deveriam responder os questionários, nesta escola são 16 participantes.

3.3 PESQUISA QUALITATIVA/INTERPRETATIVISTA E O ESTUDO DE CASO

Como a pesquisa visa investigar as perspectivas dos alunos do ensino fundamental da educação básica em relação ao ensino de língua inglesa, nossa metodologia é qualitativa, viabilizada mais especificamente pelo método Estudo de Caso. Nossa pesquisa tem a dimensão social como foco principal, pois se investiga o conjunto de perspectivas e ideologias de determinado grupo na sociedade.

Segundo Lessard-Hébert et al. “O termo qualitativo remete aqui quer para o tipo de dados que uma investigação produz, quer para os modos de actuação ou postulados que lhe estão associados.” (2012, p. 10).

A seguir podemos observar os elementos de análise das metodologias qualitativas em relação aos quatro pólos de uma investigação:

Quadro 1 – Elementos da análise qualitativas relativas aos quatro pólos

Os quatro pólos de um processo de investigação	Elementos de análise das metodologias qualitativas
O pólo epistemológico	<ul style="list-style-type: none"> • Paradigmas/linguagens (historial) • Postulados ontológicos

	<ul style="list-style-type: none"> • Problemáticas • Critérios de cientificidade
Os pólos teórico e morfológico	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de teorias • Contexto: <ul style="list-style-type: none"> - Prova/descoberta • Operações teóricas: <ul style="list-style-type: none"> - codificação, análise e interpretação • Operações morfológicas: <ul style="list-style-type: none"> - organização/apresentação dos resultados • Validação
O pólo técnico	<ul style="list-style-type: none"> • Técnica de recolha de dados • Unidades e sistemas de observação • Validação • Métodos de investigação

Fonte: LESSARD-HÉBERT et al, 2012, p. 27

Dentro das pesquisas no campo das ciências sociais⁶ há duas abordagens que pode ser escolhida pelo pesquisador: positivista⁷ e interpretativista. Nossa pesquisa é de viés interpretativista na qual o objeto de investigação é a ação e não o comportamento. (LESSARD-HÉBERT et al, 2012). Além disso, há cinco tipos diferentes em relação ao modo de investigação dentro das ciências sociais: o estudo de casos, a comparação ou o estudo de multicasos, a experimentação no campo ou em laboratório e a simulação de modelos.

O estudo de caso está intimamente ligado aos dados do pesquisador, ou seja, “a documentação levantada sobre algum fenômeno em particular ou um conjunto de eventos pelo pesquisador, e que foi elaborada com a finalidade de traçar conclusões teóricas oriundas das informações coletadas.” (DAGIOS, 2017, p. 83).

Além disso, utiliza-se o estudo de caso em diferentes situações, tais como:

- política, ciência política e pesquisa em administração pública;

⁶ O termo ciência pode ser definido como um tipo de processo de construção sob certo tipo de objeto de conhecimento e o termo social é investigação de certo grupo em relação às crenças e modos de atuação. (LESSARD-HÉBERT et al, 2012)

⁷ “No contexto do paradigma positivista, o objeto geral da investigação é concebido em termos de *comportamento* (...) o observador pode reconhecer o significado de um comportamento sempre que este se produz.” (LESSARD-HÉBERT et al, 2012, p. 36)

- sociologia e psicologia comunitária;
- estudos organizacionais e gerenciais;
- pesquisa de planejamento regional e municipal, como estudos de plantas, bairros ou instituições públicas;
- supervisão de dissertações e teses nas ciências sociais – disciplinas acadêmicas e áreas profissionais como administração empresarial, ciência administrativa e trabalho social. (YIN, 2001, p. 19-20)

Por fim, vale ressaltar que o estudo de caso pode trabalhar com diversos materiais, bem como observações, entrevistas ou documentos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Esta seção tem como objetivo analisar e discutir os dados obtidos no momento da pesquisa referentes às perspectivas dos alunos em relação à língua inglesa. A análise e discussão se fará a partir de gráficos e transcrições das respostas dadas pelos alunos.

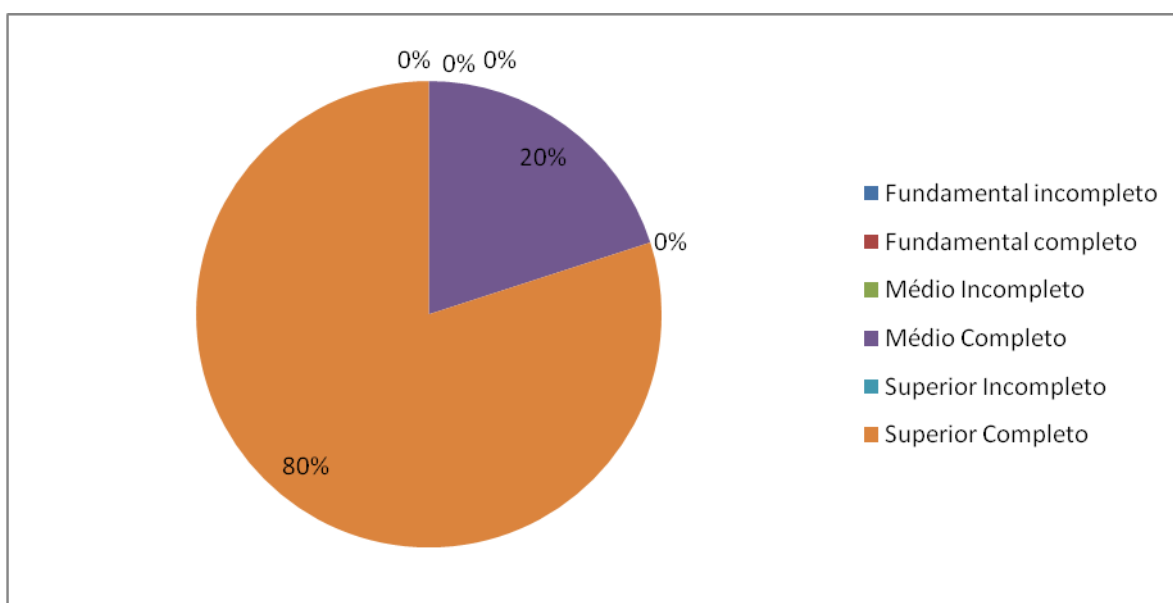
4.1 PERFIS DOS ALUNOS E SEUS FAMILIARES

Como sabemos, a educação começa muito antes dos alunos entrarem na escola, e aqui os pais tem papel fundamental no momento da sua aprendizagem e educação. Diante disso, as primeiras perguntas realizadas aos alunos eram em relação à escolaridade dos pais, além disso, perguntamos se os alunos recebiam incentivos em casa. Segundo Paro (2007, p. 14) “O “querer aprender” é também um valor cultivado historicamente pelo homem e, portanto um conteúdo cultural que precisa ser apropriado pelas novas gerações, por meio do processo educativo.”.

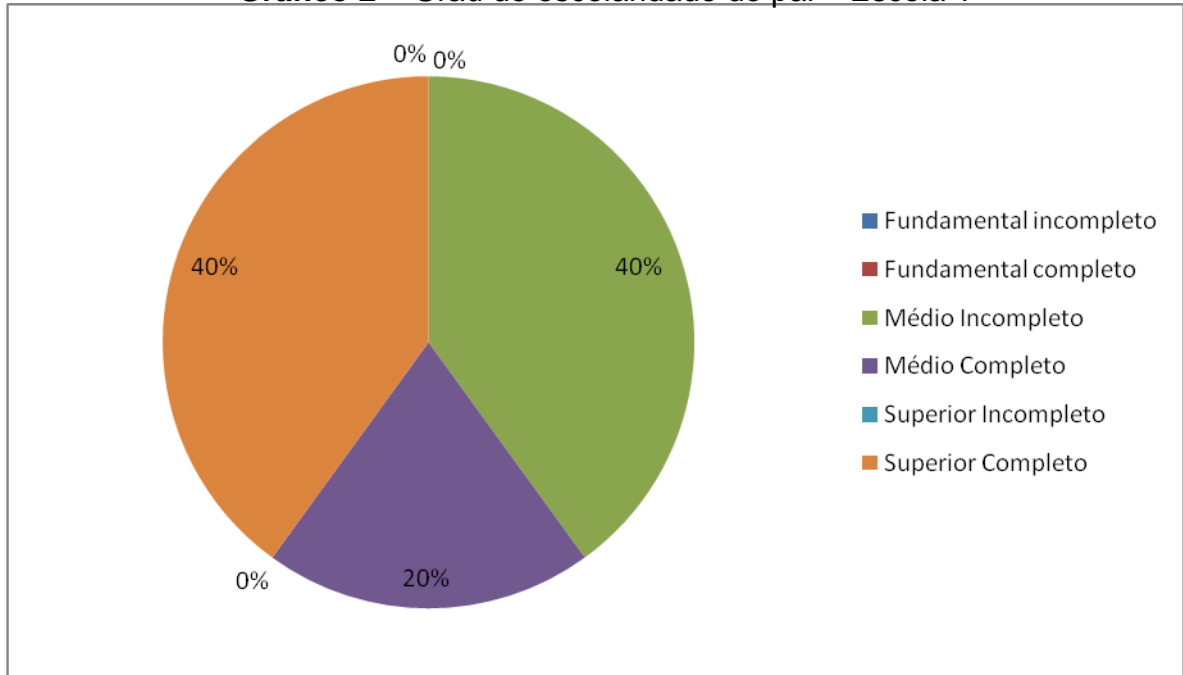
Por isso, é possível verificar que a escola precisa ensinar seus alunos, porém é necessário que haja um incentivo dentro das próprias casas destes alunos para que tal fato aconteça.

A seguir teremos os gráficos referentes à escolaridade dos pais dos alunos da Escola 1 e Escola 2:

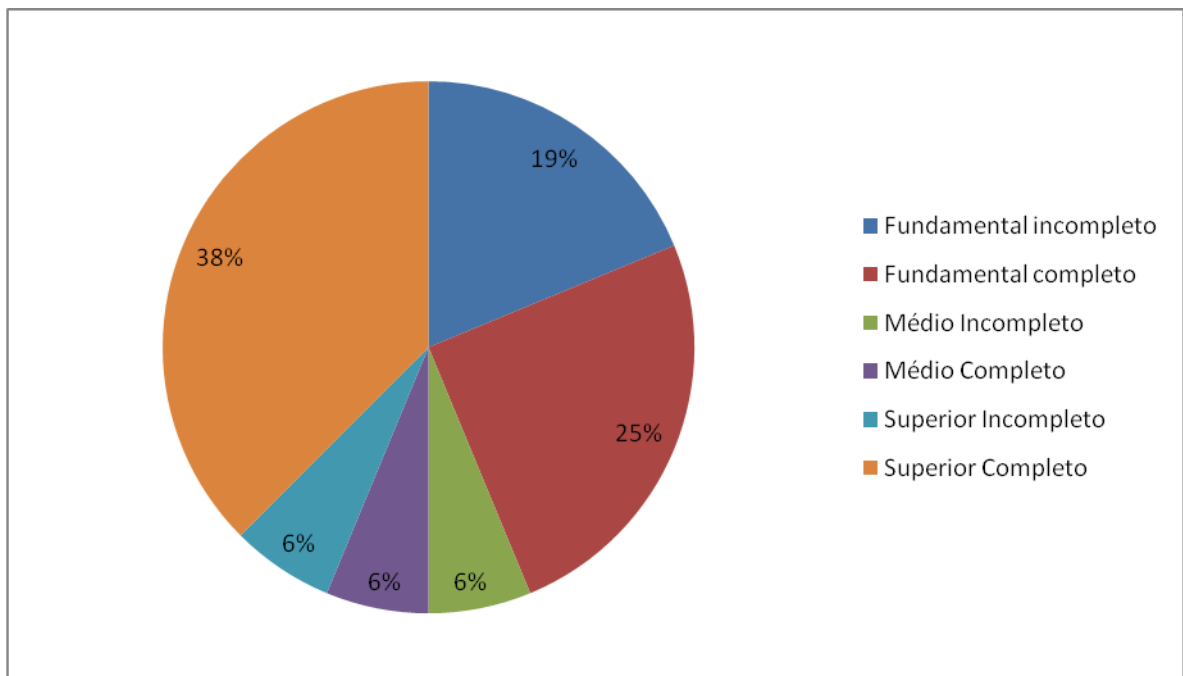
Gráfico 1 – Grau de escolaridade da mãe – Escola 1



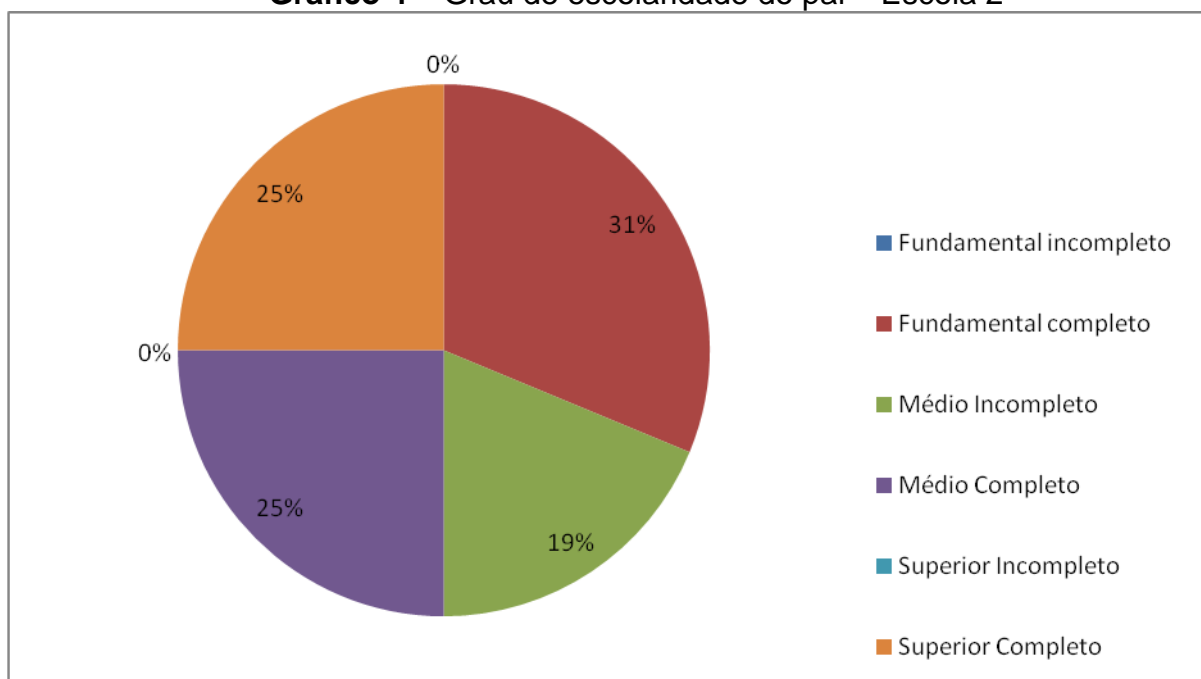
Fonte: dados da pesquisadora

Gráfico 2 – Grau de escolaridade do pai – Escola 1

Fonte: dados da pesquisadora

Gráfico 3 - Grau de escolaridade da mãe – Escola 2

Fonte: dados da pesquisadora

Gráfico 4 – Grau de escolaridade do pai – Escola 2

Fonte: dados da pesquisadora

Em relação ao grau de escolaridade dos pais dos alunos das escolas, primeiramente apontamos o fato de que a variedade presente nos alunos da Escola 2 é muito grande, a formação familiar destes alunos vem desde pais que não terminaram nem o ensino fundamental até pais que possuem o ensino superior completo, enquanto que na escola 1 a formação mínima dos pais é o ensino médio incompleto. É interessante analisar que, em ambas as escolas, as mães são aquelas que mais possuem graduação se comparado com os pais, e este é um fator que pode ser influenciador, pois sabemos que, culturalmente no contexto brasileiro, em grande parte das famílias as mães são, em geral, quem estão mais próximos do cotidiano escolar dos seus filhos. Este fator também pode ser observado nas últimas pesquisas do IBGE, no qual 21,5% das mulheres têm ensino superior completo, enquanto que os homens têm 15,6%.

Ainda sobre a questão familiar, perguntamos se sua família lhe incentiva a aprender inglês. Na escola 1, 100% dos alunos disseram receber incentivo em casa para estudar inglês, enquanto que na escola 2, 69% disseram receber incentivo e 31% não recebem esse apoio em casa. Este fator é interessante, pois muitas vezes é por falta de incentivo que os alunos ficam desmotivados ou desinteressados nas aulas, ou ainda, para se aprofundar mais na língua a ser estudada.

Na pergunta de número três os alunos deveriam responder se eles sempre estudaram em escola pública ou particular. Com os alunos da escola 1, todos responderam que sempre estudaram em escola particular, enquanto que os alunos da escola 2 responderam que sempre estudaram em escola pública. Esta pergunta é fundamental porque sabemos que as escolas particulares da cidade de Coronel Vivida possuem o ensino de inglês para seus alunos desde o Maternal 2 ou Nível 1, quando os alunos estão com aproximadamente 3-4 anos, possuem material de apoio e uma estrutura preparada para as aulas de inglês. Já na rede municipal, os alunos têm aulas de inglês a partir do 3º ano do ensino fundamental, as aulas geralmente são elaboradas pelas próprias professoras, que muitas vezes trabalham com o inglês, educação física e Arte com os alunos, ficando a critério destas professoras escolherem o material que vão trabalhar com os alunos.

Este fato pode também se confirmar na pergunta de número 4, na qual os alunos deveriam responder desde quando eles tinham contato com a língua inglesa, os alunos da escola 1 responderam que tinham aulas de inglês desde a educação infantil e os alunos da escola 2 desde o ensino fundamental I.

4.2 AS IDEOLOGIAS DA LÍNGUA INGLESA E A PESQUISA

A partir deste momento faremos a análise dos dados gerados através do questionário que foi aplicado para os alunos, averiguando se as perspectivas dos alunos em relação a LI se dão de maneira diferente ou igualitária em ambos os contextos de pesquisa. Além disso, neste momento é de extrema importância relacionar as respostas dos alunos juntamente com as ideologias explicadas no capítulo 2.

Nosso primeiro questionamento era em relação às dificuldades encontradas pelos alunos das escolas durante o aprendizado de LI. Com este questionamento é possível analisarmos se estas dificuldades estão relacionadas com a visão de língua enquanto discurso ou língua como código.

Ao questionar os alunos em relação ao acesso de materiais em língua inglesa, **todos os participantes** responderam que não encontravam dificuldades para encontrar materiais em língua inglesa. Porém, ao serem questionados sobre as

dificuldades de aprendizagem de LI, obtivemos algumas respostas tais como veremos na tabela a seguir:

Quadro 2 – Quais são as dificuldades que você encontra ao aprender a Língua Inglesa?

ESCOLA 1	ESCOLA 2
“Compreender o que está sendo falado.”	“É uma língua diferente da nossa, então é difícil. Para aprender precisamos de muita atenção.”
“De falar.”	“Não entender algumas palavras em inglês”
“Pouca prática.”	“Verbo <i>to be</i> ”
“Memorizar o significado das palavras.”	“Eu tenho dificuldade com a pronúncia e a escrita”

Fonte: dados da pesquisadora

Podemos observar que as dificuldades mencionadas pelos alunos da Escola 1 em relação a língua diz respeito ao seu uso, ou seja, é a língua enquanto discurso, percebemos que quando o participante responde com “pouca prática” ela está relacionada com a prática da utilização da língua como algo real. Em comparação com as respostas dos participantes da Escola 2, podemos observar que suas dificuldades estão em relação a língua como código, sua estruturação, sem vínculo algum com a relação social do uso da língua.

Além disso, quando percebemos o ensino de LE como discurso estamos propostos a utilizar-se de procedimentos alternativos para a construção de sentidos, e a escola é “um espaço de encontro com diferentes procedimentos de construção da realidade, de confronto entre maneiras de produzir sentidos e de se perceber no mundo não características daquelas que a língua materna nos apresenta.” (JORDÃO, 2006, p. 30).

Na primeira resposta da Escola 1, podemos observar que o aluno ao responder esta questão, estava se utilizando da língua enquanto discurso, pois pensa na língua como um elemento de compreensão do mundo e também como a interação social, comparando-se com a resposta do aluno da Escola 2, que diz não compreender o uso do verbo *to be*, podemos observar que enquanto um está pensando no uso, o outro pensa na estruturação, como se a barreira que este aluno

presença ou não utiliza-se da língua é pelo fator gramatical, excluindo sua interação com o meio.

É interessante analisar que nem todas as habilidades estão sendo alcançadas durante a aprendizagem da língua, enquanto alguns alcançam certos objetivos outros ficam no meio do caminho, sem sair efetivamente da escola melhores do que entraram. Em relação a isso, Leffa propõe ações que possam ajudar a melhorar o ensino:

- (1) criar uma parceria entre professor e alunos, formando uma comunidade na sala de aula;
- (2) estabelecer, em conjunto, os objetivos que se almejam;
- (3) buscar os meios necessários para alcançarem esses objetivos. (LEFFA, 2011, p. 33)

Estas ações podem ser pensadas tanto pelas escolas públicas quanto as escolas privadas, pois visam o diálogo entre professor e aluno, buscando melhorar o ensino na vida dos alunos, saindo daquele ensino meramente estrutural e voltado para o discurso como prática social, com prevê as DCE.

Nossas indagações seguintes eram em relação aos objetivos que estes alunos buscavam com as aulas de inglês, analisando se os objetivos eram os mesmos em ambos os contextos, além de questionar os alunos sobre as situações que eles consideravam importante conhecer o inglês. Aqui podemos fazer referência à ideologia do inglês como mercadoria (ver capítulo 2), os objetivos dos alunos aqui estão relacionadas com conhecer um novo país, um melhor trabalho entre outros, como podemos observar em algumas das respostas dadas pelos alunos.

Quadro 3 – Qual o objetivo que você buscar ao aprender inglês?

ESCOLA 1	ESCOLA 2
“Saber me comunicar com pessoas fora do Brasil, pois o inglês é a língua universal.”	“Saber a língua universal para poder viajar internacionalmente, e no futuro fazer um intercâmbio.”
“Meu sonho é morar onde falam inglês.”	“Procuro conhecimento em uma nova língua, procuro uma carreira melhor, apesar de já saber alemão, o inglês é mais importante, pois todos os países praticamente falam, e procuro mudar para

	outro país.”
“Oportunidades de trabalho e viagens no exterior.”	“Para poder falar com outras pessoas e aprender mais alguma coisa fora do Brasil.”
“Para quando eu viajar para fora saber falar outra língua.”	“Para mudar de país.”

Fonte: dados da pesquisadora

Aqui podemos perceber que em ambas as escolas, os alunos sabem da importância do inglês enquanto língua global, pois em todos os casos eles citam que precisam conhecer o inglês para viajar ou comunicar-se com outras pessoas. Segundo Pan (2015, p. 43, tradução nossa) o inglês é considerado “(...)uma janela para o mundo e ferramenta que capacita(...)”⁸. Primeiramente podemos observar uma fala em relação ao inglês como instrumentalista, porque os objetivos citados são viagens, intercâmbios, trabalhos. Pode-se observar também que os alunos acreditam que se falarem inglês conseguirão comunicar-se em um país no exterior, estas afirmações são relevantes ao pensarmos o inglês como língua global, pois estes alunos não citam que querem ir para um país onde língua nativa é o inglês, eles acreditam que saber falar inglês vai abrir novos caminhos no exterior, essa ideologia vai ao encontro do que Pan (2015, p. 42) afirma “(...)o inglês global se tornou a única língua estrangeira que grande parte do mundo quer aprender e que quanto mais se fala inglês o mundo se torna mais desejável(...)”⁹.

Além disso, o neoliberalismo tem grande influência nas respostas dos alunos de ambas as escolas, pois a ideologia neoliberal apresenta o mercado como principal foco de desenvolvimento, em outras palavras, a LI está colocada como principal meio em situações de negócios, viagens e estudo em outro país, o inglês é visto como algo predominante nessa perspectiva.

Outro trecho que pode ser analisado nessa mesma perspectiva é quando o aluno diz que seu sonho é morar em um país em que se fala inglês, o inglês aqui referencia-se como uma possibilidade de uma nova condição e oportunidade, o mesmo acontece quando o aluno diz querer alcançar uma carreira melhor.

Ainda nesses trechos podemos observar a **ideologia do inglês nativo**, pois o aluno da Escola 1, cita o intercâmbio, ou seja aqui o saber falar inglês vai fazer com

⁸“(...) a window on the world and a tool that empowers (...)” (PAN, 2015, p. 43)

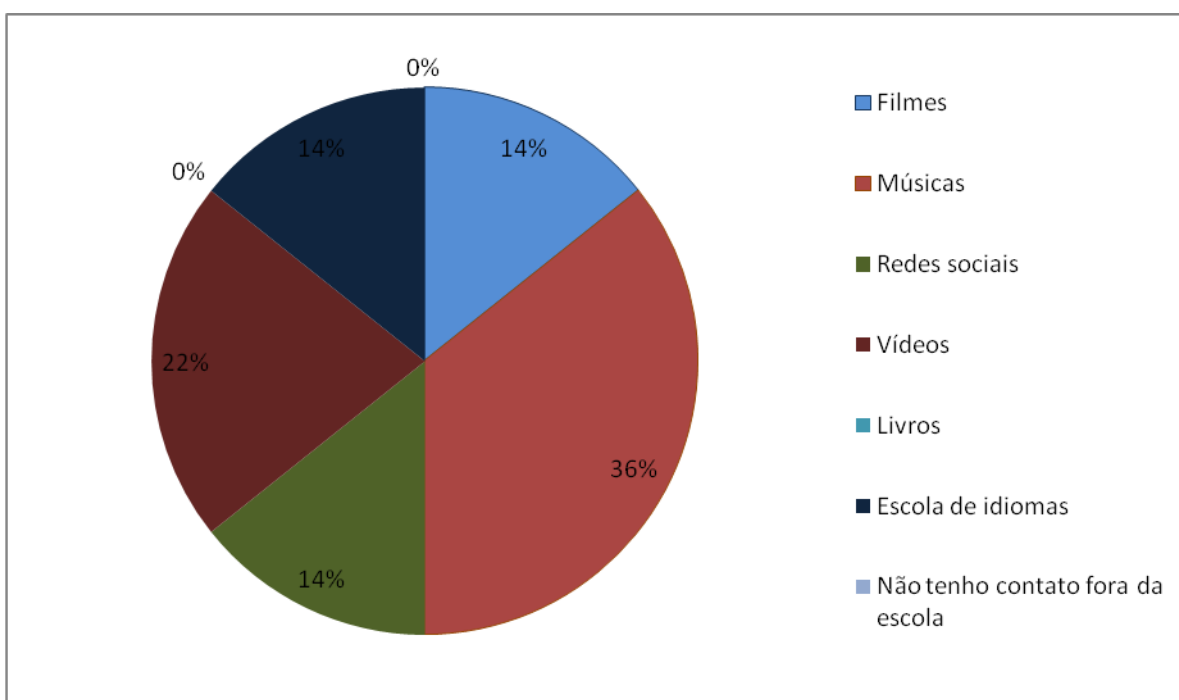
⁹“(...)global English has become the one foreign language that much of the world wants to learn and that the more English speaking the world becomes the more desirable(...)” (PAN, 2015, p. 42)

que ele consiga se comunicar com alguém do outro país ou até mesmo um nativo, grande parte das pessoas que fazem um intercâmbio é justamente pelo fato de estar utilizando-se da língua com falantes nativos, ademais o intercâmbio possibilita que este aluno tenha aulas de inglês com nativos.

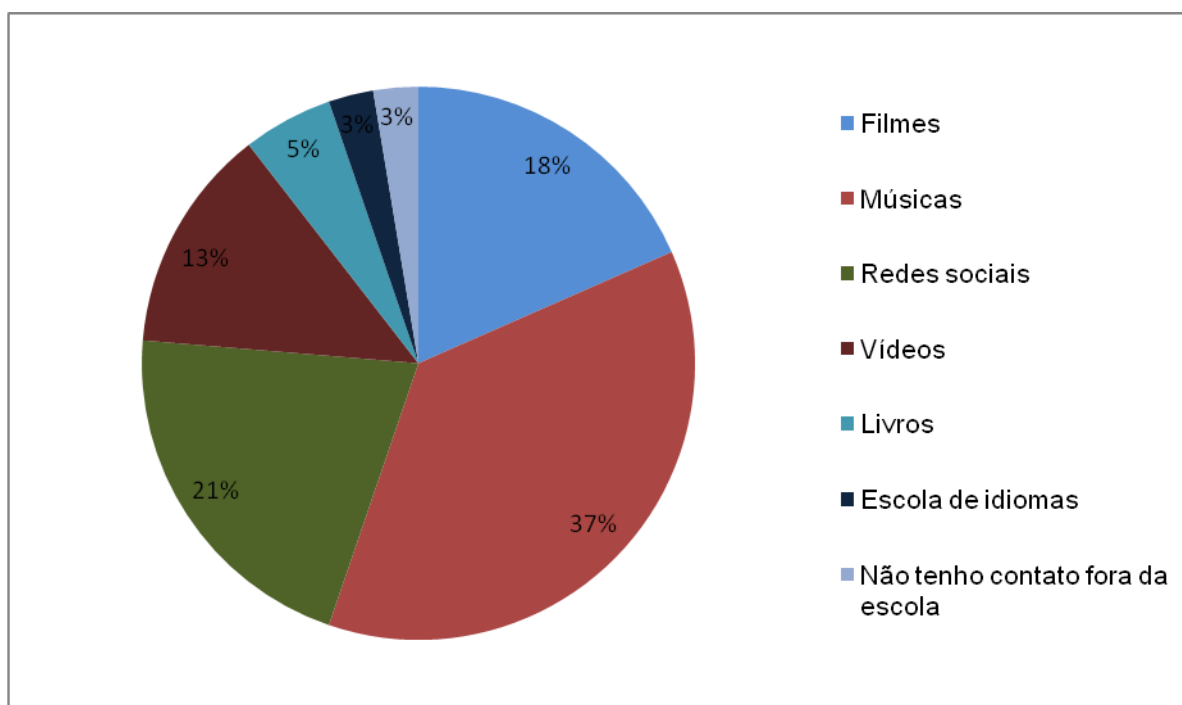
As ideologias presentes nas falas dos alunos da Escola 1 e da Escola 2, são as mesmas, ambos procuram um futuro melhor e também conhecer e utilizar-se da língua no mundo. Os alunos querem utilizá-la, não é simplesmente saber a estrutura. Podemos observar aqui uma divergência em relação à outra pergunta, quando os alunos tinham uma visão de língua como código.

Perguntamos também para estes alunos como acontece o contato com a LI fora da escola, a pergunta era de múltipla escolha, as opções eram: filmes, músicas, redes sociais, vídeos, livros, escola de idiomas ou ainda, não tenho contato fora da escola. Os alunos poderiam assinalar mais de uma opção. Abaixo podemos observar os dados obtidos:

Gráfico 5 – Contato com o inglês fora da escola – Escola 1



Fonte: Dados da pesquisadora

Gráfico 6 – Contato com o inglês fora da escola – Escola 2

Fonte: dados da pesquisadora

Em ambas as esferas sociais os alunos tem mais contato com o inglês fora da escola através da música, vídeos e filmes, isto pode ser explicado pelo próprio fator da globalização, a interculturalidade da língua. As diferentes formas de comunicações abrem novos caminhos, é relevante também que os professores insira o mundo dos alunos dentro das salas de aulas. Segundo Kumaravadivelu (2006), a língua inglesa é a globalização, além disso, salienta que “(...) as vidas econômicas e culturais das pessoas no mundo todo estão mais intensa e imediatamente interligadas, de um modo que nunca ocorreu antes.” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 131). Este fator pode explicar o fato de que mais de 70% do contato que os alunos, tanto da Escola 1 quanto da Escola 2, tem fora da escola é através da internet ou meio eletrônico.

De fato, a globalização tem contribuído muito para que o contato com a LI tenha se expandido na vida de todos os cidadãos, sem esta comunicação global não teríamos um crescimento econômico e uma mudança cultural tão rápida. (KUMARAVADIVELU, 2006). Nos diferentes contextos que estes alunos estão inseridos, a globalização faz com que eles tenham um contato maior com a língua,

pois se estes alunos só conseguissem, por exemplo, ter contato com a língua inglesa em uma escola de idiomas, o contato seria com certeza muito menor, como podemos comparar essa diferença nos dados anteriores.

Como podemos constatar com tudo que foi citado anteriormente, há algumas diferenças entre os alunos das escolas, quando pensamos nas ideologias que a língua inglesa carrega, porém em relação à globalização e as novas tecnologias, podemos afirmar que os alunos não encontram dificuldades para estar em contato com outra língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar quais eram as perspectivas e pontos de vista dos alunos do Ensino Fundamental sobre o ensino de LI e sua relevância no mundo globalizado, comparando as perspectivas dos alunos do 8º e 9º ano, de uma escola particular e outra estadual. Para isso, foram analisados questionários com perguntas abertas e fechadas, e estas perguntas permitiram que os alunos expressassem suas perspectivas e percepções sobre o ensino de inglês e também a utilização da língua inglesa na atualidade.

A metodologia da pesquisa foi de cunho qualitativo-interpretativista. Ademais, as perguntas que orientaram a nossa pesquisa foram: a) Quais objetivos estes alunos buscam alcançar com as aulas de inglês? E para quais fins estes alunos escolheriam se aperfeiçoar em uma segunda língua? b) As perspectivas dos alunos de escolas públicas e privadas são as mesmas? E tanto os alunos de escola pública quanto de escola particular têm o mesmo conceito sobre aprender uma segunda língua?

Através da pesquisa teórica realizada, foi possível estudar o que os documentos oficiais dizem a respeito do ensino da língua inglesa no Brasil, permitindo-nos refletir sobre de que modo os professores podem trabalhar e abordar o inglês dentro da sala de aula. Além disso, é de extrema importância conhecer as leis que regem a educação brasileira.

Além de entender melhor qual é o papel que a linguagem e a língua desempenham nas nossas vidas, foi possível retomar conceitos como signo e enunciado estudados ao longo do curso. Entender os conceitos de ideologia foi fundamental para que a pesquisa realizada através dos questionários ocorresse.

Em seguida, descrevemos qual foi a metodologia e também os métodos e procedimentos de pesquisa escolhidos para a realização deste trabalho, a elaboração do questionário, o perfil das escolas pesquisadas e a sua aplicação. Através dos dados coletados foi possível a elaboração das tabelas e dos gráficos contendo as respostas dos alunos.

De forma geral, podemos perceber que em ambos os contextos os alunos têm grande contato com o inglês, por meio de músicas, filmes, rede sociais, enfim, todos os recursos que a globalização nos possibilita. Em relação as ideologias, pudemos observar que diferentes ideologias estão presentes nessas escolas, como a

ideologia do **inglês como instrumentalista, inglês global**. Os objetivos que os alunos procuram durante o ensino de inglês é bem parecido, a única diferença que pudemos perceber é em relação a língua como discurso e como código.

É importante também mencionar algumas limitações durante a realização do trabalho: a) o número limitado de vezes que conseguimos entrar em contato com os alunos da escola particular; b) pouco retorno do termo de compromisso e c) tempo limitado para a realização da pesquisa. Apesar dessas limitações, o andamento da pesquisa não foi prejudicado, tendo em vista que os objetivos traçados e indagações que foram realizadas muito antes da realização deste trabalho foram obtidos de forma satisfatória. Para tanto, acreditamos que a pesquisa é de extrema importância para nossa formação enquanto professores de línguas, visando sempre pensar em nossas aulas e em como a língua inglesa está inserida na vida de nossos alunos. Além das análises feitas, é possível pensar em uma nova pesquisa com maior profundidade dentro deste tema, porém, procuramos não nos distanciarmos do objetivo central da presente pesquisa.

Muito além de um crescimento profissional, esta pesquisa nos possibilitou repensar nossa prática, visando também levar em consideração os objetivos que os alunos buscam na sala de aula de inglês e quais são os contextos de uso da LI na vida dos estudantes, pois pensar a linguagem como prática social é importante não só para os educadores, mas também para possibilitarmos aos nossos educandos uma utilização constante da língua inglesa na perspectiva discursiva e sóciointeracional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. / VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL, **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bas_es_1ed.pdf> Acesso em: 30 set. 2018

_____, **Parâmetros curriculares nacionais (5° a 8° séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1998

BNCC, **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação: 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> Acesso em: 26 set. 2018

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DAGIOS, Marcele Garbin. **A formação intercultural de professores de inglês no PIBID UTFPR Pato Branco**. Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://www.prrpq.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=16897&idprograma=40001016001P0&anobase=2017&idtc=1326>> Acesso em: 27 out. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008, 6° Ed

GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões.; EL-KADRI, Michele Salles. (orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011.

JENKINS, Jennifer. **Current perspectives on teaching world English and English as a lingua franca**. TESOL Quarterly, Washington, v. 40, n. 1

JORDÃO, Clarissa Menezes. O ensino de línguas estrangeiras – de código a discurso. In: KARWOSKI, A. M.; BONI, V. (Orgs.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006. p. 26-32.

_____. A posição do inglês como Língua Internacional e suas implicações para a sala de aula. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana CabriniSimões.; EL-KADRI, Michele Salles. (orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. P. 221 – 252.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 129-148.

LEFFA, Vilson. José. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade: Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In:LIMA, D. C. (orgs.) **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-31

LESSARD-HERBÉRT, Michelle.; GOYETTE, Gabriel.; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. 5 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.

LIMA, Diógenes Cândido. (orgs.) **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. **A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da Linguística aplicada**. Rio Grande do Norte: Revista Odisseia, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/2029/1464>> Acesso em: 26 set. 2018

MOITA LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia defronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos**. DELTA, São Paulo, v.24, n. 2, 2008.

NORTE, MariangelaBraga.; JUNIOR, Klaus Schlünzen.; SCHHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. **Língua Inglesa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lucia Menezes. Ilusão, aquisição ou participação. In:LIMA, Diógenes Candido. (orgs.) **Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 33-46

PAN, Lin. **Deconstructing the ideological discourses of English in language education**. London: Springer, 2015.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**, SEED, 2008.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: A contribuição dos pais**. 3. ed. São Paulo: Xamã, 2007.

PASSONI, Taisa Pinetti. **O programa inglês sem fronteiras como política lingüística**: Um estudo sobre as ideologias da Língua Inglesa no âmbito da internacionalização do ensino superior brasileiro. – Londrina: 2018

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A exposição de crianças ao inglês como língua estrangeira: o papel emergente do World English**. Trabalhos em Linguística Aplicada - TLA, Campinas, v. 48, n. 2, p. 185-196, jul./dez. 2009.

_____. O “World English” – um fenômeno muito mal compreendido. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões.; EL-KADRI, Michele Salles. (orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 45-57

ROCHA, Cláudia Hilsdorf.; SILVA, Kleber Aparecido da. World English no contexto do ensino fundamental-I público. In: GIMENEZ, Telma. CALVO, Luciana Cabrini Simões.; EL-KADRI, Michele Salles. (orgs.) **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas: Pontes, 2011. p. 253-292

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, estou _____ ciente que _____ meu/minha filho(a) _____ está sendo convidado a participar de um estudo denominado “**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM COMPARATIVO ENTRE ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA**”, cujos objetivos são: identificar quais são as perspectivas em relação ao ensino de LI nos diferentes espaços sociais, bem como as barreiras sociais que estes alunos encontram em relação a LI, considerando a cultura globalizada atual. O objetivo central desta pesquisa é investigar quais são as perspectivas e pontos de vista dos alunos do Ensino Fundamental.

Tal investigação será desenvolvida pela graduanda ALINE DAMIANE BAGESTÃO MARTINS, aluna regular no curso de Licenciatura em Letras, Português/Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco residente e domiciliada na **Rua Vitório Dalfovo, 045, na cidade de Coronel Vivida –PR – telefone (46) 999743700.**

A participação do meu filho(a) no referido estudo será no sentido de responder a um questionário elaborado pela graduanda. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa. É garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a Lei.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura do pesquisador: _____ Data: ____/____/____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Aline Damiane Bagestão e-mail: alinedamiane90@gmail.com fone: (46) 999743700.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Escola: _____ Ano: _____

Idade: _____ Sexo: Feminino () Masculino () Outro ()

1. Grau de escolaridade do pai:

- () Fundamental incompleto () Fundamental completo
 () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo
 () Ensino superior incompleto () Ensino Superior completo

2. Grau de escolaridade da mãe:

- () Fundamental incompleto () Fundamental completo
 () Ensino Médio incompleto () Ensino Médio completo
 () Ensino superior incompleto () Ensino Superior completo

3. Você sempre estudou em Escola:

- () Pública () Particular () Ambas

4. Desde que período você tem aulas de Inglês?

- () Educação Infantil () Fundamental I () Fundamental II

5. A sua família lhe incentiva a conhecer a língua Inglesa (LI)?

- () SIM () NÃO

6. Em sua família alguém fala outra língua fora o Português?

- () SIM () NÃO QUAIS? _____

7. Quando você precisa de ajuda com algum trabalho de Inglês, onde você busca ajuda?(pode assinalar mais que uma opção)

- () Com minha/meu professor(a) () Na Internet
 () Com alguém da minha família () Com aulas particulares

8. Fora as aulas da escola, você tem contato com o Inglês através de:(pode assinalar mais que uma opção)

- () Filmes () Músicas () Redes sociais () Vídeos
 () Livros () Escola de Idiomas () Não tenho contado fora da escola

9. Em uma escala de 1 à 5, qual é a importância do Inglês na atualidade?(1 pouco importante – 5 muito importante)

- () 1 () 2 () 3 () 4 () 5

10. Você encontra algum tipo de dificuldade ao ter acesso a conteúdos e materiais em Inglês?

- () NÃO () SIM QUAL? _____

11. Quais são as dificuldades que você encontra ao aprender Língua Inglesa?

12. Qual o objetivo que você procura buscar ao apreender Inglês?

13. Como o Inglês irá contribuir para a sua formação no futuro?

14. Em quais situações você acredita que saber a língua inglesa é importante?

15. Você considera importante buscar saber mais sobre o inglês fora da escola? Por quê?

16. Descreva qual é a importância da Língua Inglesa na atualidade:

UTILIZE O ESPAÇO EM BRANCO CASO PRECISE DE MAIS ESPAÇO PARA RESPONDER
ALGUMA PERGUNTA